

Giuliana Ragusa, *Safo de Lesbos. Hino a Afrodite e outros Poemas*. São Paulo: Hedra Ltda., 2011, 134 pp. (ISBN 978-85-7715-237-7)

MARIA FERNANDA BRASETE⁷

Centro de Línguas e Culturas, Universidade de Aveiro

Numa primeira impressão, a obra em epígrafe pode parecer um livrinho de bolso, com um intuito predominantemente pedagógico e de divulgação da poesia de Safo, a um público menos conhecedor da poetisa de Lesbos. Não estamos, contudo, perante uma obra menor, como facilmente atestam a leitura atenta das 55 páginas que compõem a “Introdução”, a lista de uma bibliografia atualizada e criteriosamente selecionada que precede a segunda parte desta monografia que incorpora a tradução, muitas vezes acompanhada de comentário e notas, do célebre “Hino a Afrodite” e de outros poemas da poetisa de Lesbos.

Na “Introdução”, através de uma exposição clara e bem fundamentada, a A. “revisita”, com um espírito de síntese notável, os tópicos comumente arrolados à *vexata quaestio* da figura e da poesia de Safo. A problemática inerente à caracterização da tradicionalmente denominada “lírica” arcaica, bem como as dúvidas suscitadas pelos testemunhos biográficos que nos chegaram ou todo o plexo de questões decorrentes do carácter fragmentário da obra da mais antiga poetisa grega, constituem os eixos temáticos que sustentam as seis secções introdutórias desta obra, cujos títulos, no entanto, não figuram no Índice: «Safo revisitada: viagem pela poesia grega antiga»; «O problemático nome “lírica”»; «Em busca de Safo: poeta de Lesbos»; «A mélica de Safo»; «A “Lírica” de outras poetisas» (1. Grécia Clássica: Mirtes, Praxila, Telessita (e Corina?); 2. Grécia Helenística: Moiró, Erina, Anite e Nóssis); «A Transmissão mélica de Safo».

Apesar de se utilizar correntemente o termo “lírica” para referir a poesia grega arcaica não hexamétrica, a A. defende a sua

⁷ mbrasete@ua.pt

preferência pela utilização do termo «*Mélica*, essa palavra não dicionarizada em nosso vernáculo (...) que os antigos identificavam à Lírica, rigorosamente o gênero da canção para a lira» (p. 15). Na abordagem da «intrincada trama biográfica» (p.24) da mulher-poeta de Lesbos e do contexto performativo da sua poesia, «inserida e movida, culturalmente no seio de um sistema de comunicação oral» (p. 39), muito distanciada, portanto, da prática de leitura solitária e silenciosa, a A. apresenta uma panorâmica, muito bem documentada na bibliografia especializada, dos principais tópicos que têm norteado os estudos da “mélica” de Safo: os ecos homoeróticos de uma poesia que emerge de um universo feminino, não identificável com a moderna categorização de *lesbianismo*; a sempre complexa inserção da 1ª pessoa do singular num canto poético (especialmente quando monódico) composto «de e para a voz» (p. 38), que não veiculava um tom confessional e muito menos biografista; os espaços privados e públicos a que as *performances* dessas «canções» (p. 43) se destinavam.

Cumprindo o seu intuito preliminar de demonstrar que «Safo não é o único nome feminino da poesia da Grécia Antiga» (p. 9), a A. termina a “Introdução” desta monografia com uma referência concisa mas elucidativa à obra muito fragmentária das outras oito mulheres-poetas gregas, nomeadas no livro IX do epigrama 26 da *Antologia Palatina*: da época clássica, Mirtes, Praxila, Telessila e Corina (aceitando a sua datação no século V.a.C.); da época helenística, Moiró, Erina, Anite e Nóssis.

Na última secção, intitulada “Hino a Afrodite e outros poemas”, este volume alberga a tradução do único poema de Safo que a tradição nos legou na íntegra e de mais 77 fragmentos de extensão muito variável, repartidos por títulos muito sugestivos («Afrodite», «Eros», «Ártemis», «As Cárites ou “Graças”», «Eos, a Aurora», «Cenas Míticas», «Canções de Recordação», «Desejos», «Dores de Amor», «Imagens da Natureza», «O cantar, as canções e as companheiras», «Epitalâmios: canções de casamentos», «Festividades», «Vestes e Adornos», «Cleis», «Reflexões ético-

-morais»; e por último, «Canção sobre a Velhice»: novo fragmento»). Abonam a seriedade científica deste trabalho e o labor de tradução, os comentários e as notas de rodapé que, além de referirem e comentarem as fontes textuais e a bibliografia selecionada, compendiam informações de índole histórica, geográfica, mitológica, poético-temática, genológica ou retórico-estilística, que apoiam e estimulam a leitura dos fragmentos traduzidos.

De longe nos chega esta obra que, tanto pelo estudioso da antiga poesia grega como pelo leitor comum de língua portuguesa, poderá ser lida, com muito agrado e proveito, pelo facto de expor uma excelente perspetiva sobre a personalidade literária de Safo, o contexto em que as suas «canções» (o termo preferido da autora) foram compostas e o valor poético-cultural de uma obra fragmentária que sobreviveu à erosão dos tempos e constitui, ainda hoje, uma referência incontornável na Literatura europeia.

Rodrigo de Castro, *O Médico Político ou tratado sobre os deveres médico-políticos*. Tradução de Domingos Lucas Dias e revisão científica de Adelino Cardoso. Apresentação de Diego Gracia. Lisboa, Edições Colibri, 2011 — 302 pp. ISBN: 978-989-689-096-4 [Coleção Universalia, Série Ideias 7].

ANA MARGARIDA BORGES⁸

Centro de Línguas e Culturas, Universidade de Aveiro

No âmbito do projeto PTDC/FIL/64863/2006 — Filosofia, Medicina e Sociedade, coordenado por Adelino Cardoso, veio a lume, em março de 2011, a primeira tradução portuguesa da obra *Medicus Politicus* (1614), da autoria do insigne médico humanista Rodrigo de Castro (1546-1627), *alias* David Namias.

A obra apresenta quatro livros divididos por capítulos. Uma análise global sustenta a perceção de que os livros primeiro e segundo revestem-se de um carácter mais teórico e os livros terceiro e quarto assumem uma feição mais pragmática. O livro primeiro, com 12 capítulos (páginas 29 a 69), assume um carácter

⁸ amborges@ua.pt